

CORPOGRAFIAS JUVENIS: PROCESSOS DE CRIAÇÃO DO MOVIMENTO HIP HOP DA PLANÍCIE LITORÂNEA DE PARNAÍBA – PI

Krícia de Sousa Silva ¹

RESUMO

O objetivo geral dessa pesquisa é refletir a partir de uma perspectiva bibliográfica sobre os processos de criação que atuam no corpo dos jovens integrantes da Associação Movimento Hip Hop da Planície Litorânea e se articulam com os problemas que os envolvem em diferentes espaços e práticas educativas, possibilitando formas de resistências aos modos de educar instituídos na contemporaneidade. Especificadamente buscando, revisar os estudos sobre os problemas que atravessam os corpos juvenis do movimento Hip Hop na contemporaneidade como categorias de vários campos de saber-poder; Favorecer a criação de novas maneiras de pensar o corpo dos jovens do Hip Hop de modo a problematizar as práticas educativas nas quais estão inseridos; E enfatizar os processos de criação envolvendo esses sujeitos, de modo a identificar as formas de resistências a modos de educar instituídos em diferentes práticas educativas na contemporaneidade. A metodologia utilizada foi uma revisão de literatura de caráter exploratório, bem como relatos de experiência a partir de uma perspectiva cartográfica de investigação. As análises feitas foram subsidiadas em autores como: Deleuze (1996), Sousa (2012), Bondía (2002), Carrano (2003), dentre outros. Os resultados apontam os jovens como participantes de práticas sociais e educativas voltadas para o uso e desenvolvimento da arte, do corpo em movimento e do dinamismo de forma politizada e abundante. Tais elementos devem ser percebidos e valorizados principalmente pela escola, para que se passe a pensar em metodologias que permitam que o corpo cheio de energia dessa juventude possa também ser estimulado dentro do seu espaço institucional

Palavras-chave: Jovens. Hip Hop. Corpo. Criação. Movimento.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho desenvolvo reflexões sobre os processos de criação que operam no corpo de jovens do momento Hip hop de Parnaíba/PI. Essa prática sociocultural que chegou ao Brasil na década de 1970 serve como: “canal de expressão da inconformidade de garotos e garotas das periferias, que apostam na própria força e capacidade de modificar o mundo em que vivem por meio da música, dança, das artes plásticas e da declamação de mensagens de teor político” (FILIPOUKSI; NUNES, 2012, p.72). Considero, portanto, este movimento como um meio no qual os jovens se permitem produzir práticas educativas que estabelecem uma forte relação com os contextos sociais em que vivem e que são retratados por esses sujeitos enquanto expressões

¹ Sou Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. Atuo como professora substituta nas universidades Federal e Estadual do Piauí e colaboro como professora formadora do Plano Nacional de Professores Pafor/Ufpi. E-mail: Kriciasousa@hotmail.com.

corporais e artísticas, retratadas com a dança do *Break*, a música do *Rap* e a arte urbana do Grafite.

Por meio do Hip Hop as juventudes reinventam as formas de utilizar o corpo, surge um novo modo de movimento, que retrata as expressões, pensamentos, interesses, afinidades e resistências dos jovens da contemporaneidade. O corpo é explorado com grande intensidade nos contextos urbanos, cada modalidade de hip hop explora diferentes capacidades corporais e artísticas de expressão e comunicação com o mundo. É ainda com o corpo que esses jovens experienciam a cidade e seus territórios, dançando, produzindo arte e música e pregando suas mensagens e entendimentos políticos sobre a vida e as coisas. O corpo passa a ser o instrumento pelo qual os jovens rompem com diversos sistemas disciplinares que lhes são impostos pela sociedade e pela escola, a começar pela resistência a uma educação sedentária, sem relação com a vida e sem processo de criação.

Bondía (2002) fala sobre os modos como corpo pode ser atravessado por aquilo que verdadeiramente lhe é significativo, produzindo o conceito de experiência, afirmando que esta é tudo o que toca o indivíduo, tudo aquilo que o sensibiliza. Assim, deslocando o conceito de experiência para o movimento hip hop, percebo que este colabora com a construção de saberes juvenis pela cidade, pois os jovens ao inventarem a si mesmos e aos outros, e por meio do corpo em movimento, permitem aos seus corpos a (auto) produção de saberes, possibilitando aprendizados não descartáveis ou fáceis de serem esquecidos e que deixam marcas, vestígios que o corpo não esquece e, portanto, são muito mais significativos para as juventudes da atualidade até por que se relacionam com as percepções da vida cotidiana dos jovens envolvidos e não com conteúdo ou conceitos nos quais não há produção de sentido relacionada a sua realidade (BONDÍA, 2002).

Nesta perspectiva, tomo para estudo os jovens da Associação Movimento Hip Hop da Planície Litorânea da Cidade de Parnaíba/PI. Tento apreendê-los enquanto sujeitos da pesquisa e enquanto corpos em movimento, que circulam, trabalham, estudam, brincam, dançam - produzem arte, poesia, dança e resistências se conectando com o espaço onde vivem e com outros mais. Durante o percurso busco ver, ouvir e acompanhar a produção dos seus saberes, seus processos de criação, o que eles têm a dizer sobre si mesmos, sobre o corpo em movimento, a cultura e educação que vivenciam e produzem juntos nos espaços urbanos da cidade em que vivem. Por outro lado, nesse trabalho apresentarei apenas as reflexões iniciais que desenvolvi a cerca dessa temática, visto que ainda está em processo o mapeamento desse novo objeto de estudo que se desvela para mim em meio as minhas experiências com/entre jovens e suas práticas culturais.

Deste modo, apresento o seguinte objetivo geral da pesquisa: refletir a partir de uma perspectiva cartográfica sobre os processos de criação que atuam no corpo dos sujeitos jovens integrantes da Associação Movimento Hip Hop da Planície Litorânea e se articulam com os problemas que os envolvem em diferentes práticas educativas e em diferentes espaços, possibilitando formas de resistências aos modos de educar instituídos na contemporaneidade. Por conseguinte, como objetivos específicos almejo: Revisar os estudos sobre os problemas que atravessam e mobilizam o corpo dos sujeitos juvenis do movimento Hip Hop na contemporaneidade como categorias construídas pelos vários campos de saber-poder; Favorecer a criação de novas maneiras de pensar o corpo dos jovens do Hip Hop na contemporaneidade; E enfatizar os processos de criação envolvendo o corpo dos jovens do Hip hop, de modo a identificar em meio a literatura da área, diferentes modos de educar instituídos nas múltiplas práticas educativas na contemporaneidade.

Para realização de tal pesquisa, penso enquanto pedagoga e estudiosa de práticas culturais juvenis que ao se fazer pesquisa com jovens é necessário caminhar/estar entre eles, assim, a metodologia dessa investigação utilizou de uma abordagem qualitativa por meio de relatos de experiências de convívio com os jovens da pesquisa, bem como por uma pesquisa bibliográfica que me serviu de subsídio para dar consistência teórica as reflexões que aqui desenvolvo. As análises feitas nesta pesquisa, portanto, trazem também as concepções teóricas de autores que tratam dessas questões relacionadas à juventude, cidade, corpo, movimento e educação, tais como: Deleuze (1996), Sousa (2012), Silva, (2008), Bondía (2002), Carrano (2003), dentre outros.

1.1 Justificativa

Defendo que o temática é relevante, na medida em que, até a metade dos anos de 1990, os estudos em torno das Juventudes, segundo Sposito (2009), se situavam nas discussões de cultura e ética, bem como do desemprego e da entrada dos jovens no mercado de trabalho. Porém, segundo a autora no que se refere aos processos educativos, corpo e subjetividades dos jovens envolvidos com movimentos e grupos sociais, a metodologia e os conteúdos estão ainda bastante voltados para as questões de formação da consciência, emancipação e identidade de classe, bem como na construção e intensificação dos pensamentos socialistas e comunistas, na busca por estratégias de tomada do poder pelas classes populares. Portanto, a dimensão priorizada para estudo dos jovens ainda é a da dimensão política revolucionária, colocando em segundo plano ou não dando a devida atenção para as dimensões de construção das identidades,

corporeidades e subjetividades juvenis, fundamentais de serem discutidas e aprofundadas, principalmente num país como o Brasil, que decididamente não sabe lidar com os jovens.

Para justificar esta pesquisa relaciono ainda minhas reflexões em Sposito (2009) e Carrano (2003) para afirmar que os processos e experiências do corpo em movimento que se situam no campo social, onde a pedagogia é considerada “cega” - por não ser considerados propriamente como uma prática educativa -, a revisão de literatura mostra uma escassez de estudos, afirmando que essa interface dos temas juventudes, corpo e movimento e educação (não-escolar) ainda merece ser explorada.

Além disso, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD/2011), o número de jovens na faixa dos 15 a 24 anos, é de 33 milhões de indivíduos – 16,8% da população total Brasileira que é de 195,2 milhões de pessoas. Esse número cresce quando consideramos como jovens aqueles com idade de 15 a 29 anos, crescendo para um total de 51,3 milhões de habitantes (IBGE, 2010). A partir desses dados, o tema da pesquisa se insere em um contexto no qual as juventudes, especificadamente no Piauí, vivem uma situação de desvalorização, exclusão social, e violência, fenômenos expressos pelo desemprego, falta de investimento e assistência social para esse público. Essa realidade pode ser percebida em uma série de notícias que apontam os jovens como categoria em situação de risco e preconceito, a exemplo da invasão do Centro Cultural Casa do Hip Hop em Teresina, capital do estado, no qual em evento de cultura promovido pelo SESC - uma instituição reconhecida pela produção e divulgação cultural no país – a Polícia Militar invadiu o estabelecimento e com abordagem violenta e abusiva revistou os jovens que ali se encontravam alegando denúncia de porte ilegal de armas. Em nota de repúdio, um dos jovens envolvidos no movimento escreveu carta para o jornal “Entrecultura” onde coloca que:

No dia 08 de agosto de 2018 a Casa do Hip Hop recebeu os grupos “Manauara em Extinção” (AM) e “Reação do Gueto (PI)” dentro da programação do Sesc Amazônia das Artes. Por volta das 21h o evento foi interrompido por policiais (a maioria encapuzados e sem nenhuma identificação) que abordaram de forma abusiva e constrangedora todos os presentes, inclusive crianças e mulheres. [...] Essa articulação está carregada de preconceito, racismo, discriminação, abuso de poder e isso tudo se dá porque não acreditam na potência do corpo periférico. Precisamos de proteção, estamos nos sentindo ameaçados e impedidos de trabalhar (ENTRECULTURA, 2018, s/p).

Desse modo, fortaleço a justificativa e necessidade política do estudo desse movimento sociocultural no estado do Piauí, de modo a contribuir com militância e luta desses sujeitos por respeito e valorização. Bem como, perceber que para além dos espaços escolares, os jovens do hip hop produzem processos de criação e (re)existência nos contextos urbanos, e de que por meio

de seus corpos em movimento é possível desenvolver o entendimento de que a rua não é, em definitiva, o lugar de quem fracassou ou foi expulso da escola, mas também o de quem arrisca-se contra as regras do jogo, a despeito dos resultados obtidos segundo os preceitos socialmente definidos (LA MENDOLA, 2005). Em outras palavras, esse é um meio de enfatizar que os processos de criação produzidos no corpo dos jovens da Associação Movimento Hip Hop da planície litorânea em articulação com os problemas que os envolvem em diferentes práticas educativas, possibilitam formas de resistências aos modos de educar instituídos afirmando, inclusive, que na rua se produz muita desconstrução de padrões sobre os modos de ser, existir e compartilhar no atual contexto social, não sendo apenas o lugar da malandragem ou de quem não conseguiu “vencer na vida”.

METODOLOGIA

Nessa pesquisa optei por realizar uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, pois, intencionava refletir sobre os processos de criação que atuam no corpo de jovens do movimento Hip Hop, favorecendo novas maneiras de pensar o corpo e as potencialidades juvenis, bem como suas resistências aos modos de educar instituídos em diferentes práticas educativas na contemporaneidade a partir de reflexões teóricas sobre essa temática.

Neste tipo de pesquisa a busca de informações em livros e outras fontes de informação são fundamentais e possibilitam a ampliação da discussão e do debate em torno de diversas temáticas, bem como de uma expansão das reflexões do pesquisador com base na construção teórica produzida por outros pensadores anteriormente (RODRIGUES, 2007). Escolhi esta forma de pesquisa, para poder usar de suas técnicas de leitura atenta, reflexão/análise de conteúdos e identificação de conceitos, para iniciar novas indagações e para pensar sobre a temática aqui proposta. Traina e Junior (2009) ponderam que a pesquisa Bibliográfica:

Dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa, na escolha do tema, entre outros pontos. (2009, p. 30).

Diante das palavras dos autores referidos, posso perceber que dentro desta proposta de pesquisa encontro o suporte teórico essencial, que me serviu de base para desenvolver este estudo, no qual tive a oportunidade de refletir, indagar e questionar diante das leituras e debates que desenvolvi ao longo do texto.

Por outro lado, mais do que apenas uma pesquisa de revisão bibliográfica, nesse estudo trago à tona relatos de experiências baseados em uma perspectiva cartográfica, esta por sua vez,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

oriunda das teorias de Deleuze e Guattari (1996) para o estudo da subjetividade e de seu processo de produção. Para os autores, na cartografia o pesquisador acompanha e se faz, ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a construção de outros mundos que se criam para expressar afetos presentes, em relação aos quais os universos vigentes se tornam obsoletos. Então, a Cartografia não cria universos totalitários e fixos na pesquisa, é vista como um espaço de desterritório, de produção de afetos, de corpos sensíveis e que vibram ao entrar em contato com o campo.

Na posição de cartógrafa almejei me apropriar e refletir sobre as estratégias revolucionárias que os jovens do Hip Hop criam em prol de seu coletivo, percebendo-os enquanto corpos que produzem campos de força em seus modos de vida, corpos que produzem “maquinarias” juvenis nos vários mundos em habitam, pois,

A máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido de honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado (DELEUZE, GUATTARI, p. 21, 1996).

Nesse sentido, por meio de relatos de experiência trago minhas primeiras impressões sobre esses jovens e seus processos de criação, me possibilitando outros modos de perceber a relação entre corpo, movimento e educação, apreendidos no ouvir, no ver e no cheirar, permitindo que eu habite a pesquisa e que a pesquisa habite em mim também através das impressões, estranhamentos, afetos e experiências que foram desenvolvidos no processo investigativo.

E por fim, os dados foram analisados por meio da transversalização das narrativas com as teorias no campo da Educação, me possibilitando um olhar oblíquo de mapeamento dos pensamentos, subjetividades e processos de criação desenvolvidos pelos jovens do movimento Hip Hop.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda hoje, são fortes as tendências educacionais voltadas para a maquinização, a disciplina e o sedentarismo. A ênfase no conteúdo exigida pela sociedade capitalista fez com que a escola remetesse sua atenção para uma formação quase que exclusivamente voltada a memorização e a segmentação do conhecimento, que muitas vezes é realizada pelos estudantes sem que haja uma relação prática com suas vidas ‘fora’ dos muros da escola. Essa perspectiva

educacional vem se desenvolvendo no Brasil desde o início do período de industrialização do país, quando houve a necessidade de ampliar a mão de obra para o mercado de trabalho.

A filósofa Viviané Mosé (2013) acrescenta essa discussão, ao afirmar em uma de suas palestras² que as escolas brasileiras têm o sistema educacional baseado na prisão. Prisão de jovens e crianças que devem permanecer o maior tempo possível dentro delas para se evitar ao máximo o contato dos alunos com a rua, isso pelo contínuo discurso de que a rua é um território perigoso, onde os garotos e garotas podem entrar em contato com as drogas e a criminalidade.

Batista e Carvalho (2001) atentam que até o início do século XX, a rua era identificada como um lugar destinado apenas aos homens – tradicionais provedores do lar – e que servia como espaço de diversão e lazer para os mesmos. Ao oposto, para as mulheres eram delimitados apenas os locais da casa, como os salões, salas de festas e visitas, cozinhas, etc. Assim, a rua era o lugar da arruaça, da baderna, enquanto a casa era dada como espaço sagrado, santuário de onde mulheres e crianças não deveriam sair. Entretanto, as autoras apontam também que tal ideia sobre a rua toma um novo enfoque na atualidade, pois os jovens, sobretudo, os residentes de bairros pobres e periferias, passam a se apropriar das localizações públicas centrais, como as praças, ruas e avenidas principais, como meio de se inserirem no cenário social.

Diante disso, ao se falar da rua nesse contexto, muda-se a percepção desse espaço apenas como âmbito de marginalização, e passa-se a incluir também a ideia de moradia, autonomia, lazer, diversão e liberdade. “O espaço da rua constitui-se palco de uma nova dinâmica social. [...] significando ser essa uma maneira de identificação com grupo social, diferente do ‘mundo da casa’” (BATISTA; CARVALHO, 2001, p.58). Nesse sentido, a rua passa a ser uma nova arena de sociabilidades para os jovens, pois é em seu espaço onde passam a trocar ideias, socializar, divertir-se, namorar, praticar esportes, enfim, a rua passa a fazer parte da vida desses sujeitos de maneira central, mesmo que nela também estejam presentes o medo e a apreensão quanto a violência ou a criminalidade.

Viviane Mosé (2013) enfatiza, ainda na palestra acima mencionada, que a necessidade de construir uma escola conteudista, segmentada e baseada no sistema de prisão diz respeito especificamente a necessidade ou desejo da sociedade em produzir passividade, disciplina, ausência de indagações e repetição de conteúdos. Assim, no sistema educacional contemporâneo do Brasil, percebo que os jovens são vistos como indivíduos que podem ser e devem ser alienados para obedecer e seguir regras determinadas, aprendendo por meio de normatizações e sistemas disciplinares do pensamento e do corpo que estão em vigor.

²Palestra com o tema: o que a escola deveria saber antes de ensinar. Exibida durante o programa ‘café filosófico’ transmitido pela TV Cultura.

Diante disso, fica fácil perceber que os caminhos da educação tornaram-se, na maior parte das vezes, pouco animadores para as juventudes, sem movimento, sem graça e, portanto, sem processos de criação. As estatísticas fazem refletir sobre o desinteresse dos alunos com as práticas pedagógicas que são utilizadas na escola para se ensinar e aprender. Pesquisa realizada pela Unicef – Fundo das Nações Unidas para Infância – entre outubro e dezembro de 2012 e entre maio e novembro de 2013, revela que no Brasil os jovens de 15 a 17 anos são os mais excluídos da educação – cerca de 1,7 milhões deles estão fora da escola. Além da exclusão, esses jovens também enfrentam contrastes entre a relação idade e seriação, pois 35% dos matriculados (3,1 milhões) nessa faixa etária frequentam o ensino fundamental e 31,1% dos alunos que cursam o ensino médio (2,6 milhões) sofrem atraso estudantil. Se este processo permanecer, o país vai levar cerca de 30 anos para conseguir universalizar o ensino médio (VOLPI; SILVA; RIBEIRO, 2014).

Deste modo:

para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRELL, 2007, p.2).

As práticas educativas que aqui trago à cena para fora dos muros da escola, não se reduzindo a apenas um espaço determinado, visto que acontecem em múltiplos lugares, e assim, passam a existir de diversos modos. Nesses processos educativos são várias as possibilidades de aprendizados, vivências e auto formação. Portanto, neste trabalho incito a pensar processos de criação que operam no corpo dos jovens nos espaços urbanos e que se baseiem no prazer, na alegria e na experiência, produzindo práticas educativas. Bondía afirma que “a experiência é tudo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2000, p.21), compreendo, então que esses processos de criação, com o corpo em movimento nos contextos urbanos podem me permitir pensar sobre outros conceitos de educar e aprender na cidade, inseridos naquilo que toca, que sensibiliza, que atravessa o sujeito no âmbito do que lhe é significativo.

Essa minha percepção se acentuou quando ingressei na Universidade Federal do Piauí, Campus de Parnaíba, na qualidade de professora substituta no magistério superior, oportunidade na qual entrei em contato com jovens alunos³ de diversos cursos, muitos deles

³ Destaque para o curso de Bacharelado em turismo que no 5º período tem 3 alunos membros da associação do movimento Hip Hop da Planície Litorânea.

praticantes e militantes de culturas juvenis, especialmente a do movimento Hip Hop. Como pesquisadora dessa área pedi a alguns de meus alunos para acompanhá-los em suas vivências cotidianas, artísticas e culturais pelos bairros em que vivem, no qual fui imensamente acolhida e passei a me aventurar frequentemente a estar com/entre eles, em eventos e atividades em que eles colocam em prática o Hip Hop, seja como dança, música, poesia ou arte urbana. Mas foi principalmente observando os jovens dançando *break*, que percebi o quanto de vida e criação existia no corpo deles, enquanto prática dessa atividade corporal. Recordei de reflexões pesquisas anteriores que me mostraram o quanto a ação, o movimento e o dinamismo podem tornar o aprender significativo e prazeroso, cheio de saberes e sentidos para os jovens. Desta forma, percebi que as práticas educativas que esses jovens constroem a partir desse movimento, caracteriza-se como educação marginal e de resistência aos modos de existir, educar e compartilhar na contemporaneidade.

Em diálogo com Dias (2011), algumas das atividades que proporcionam experiências juvenis são exatamente as práticas culturais voltadas para os processos de criação a partir do corpo em movimento, a exemplo do Hip Hop, que pode ser considerada uma atividade física que potencializa a expressão, a produção artística e criativa dos jovens. Para o autor:

Enquanto a prática do sistema dominante tenta pressionar as atividades educativas para se enquadrarem as regras burocraticamente definidas, de modo que sejam universalizadas, homogeneizadas e controladas, as práticas culturais juvenis relevam uma valorização de outros princípios, tais como o elemento estético do esporte, a criatividade, a ousadia, a improvisação, o espontâneo, o arriscar-se e o não padrão. Dessa forma, incorporam-se a essas práticas a música, a arte, a expressão corporal, o estilo, o impensável, o improvável, o inusitado. (DIAS, 2011, p.13)

Penso, portanto, que a partir do Hip Hop os jovens podem subverter e resistir aos padrões normalizantes que a escola, a família e grande parte da sociedade lhes impõem, pois, dentro desse movimento é mobilizada a autenticidade e a atitude dos jovens frente aos problemas que os cercam.

Segundo Sousa (2012), o Hip Hop teve início na Jamaica com o Dj norte americano Afrika Bataataa, nos anos de 1970, a partir de três categorias essenciais da cultura: o *rap*, que é um estilo de música, ritmo e poesia; O *break*, com a dança “da quebrada” ou do improviso; e o *grafite*, por meio do desenho e da escrita nas peles das cidades. Em todas as categorias, o corpo é colocado como dispositivo político pelas juventudes para conviver com as situações de conflito, tensão ou violências vividas.

Mostrando sua força, o *break* foi além de uma simples manifestação artística, passando a ter um significado social. Percebendo o poder desta dança, o D.J Afrika Bataataa propõe as gangues do bairro *Bronx* (Nova York/EUA) que resolvessem suas diferenças através da dança, através das competições. Com esta forma de competir, os jovens das gangues substituem murros, sopapos e tiros pela performance do *break*. Confirmando o seu caráter social, o *break* serviu de protesto contra a guerra do Vietnã, onde os irmãos negros e latinos – a grande maioria dos soldados – morriam aos milhares. Com o objetivo de mostrar o descontentamento dos jovens com relação a guerra, o *break* que possuía alguns movimentos que procuravam reproduzir o corpo mutilado dos soldados e as hélices dos helicópteros da guerra – transformou-se num instrumento simbólico de grande significado para a juventude daquela e desta época (SILVA, 2002, p. 24).

A partir das ideias de Silva (2002), vejo que no *break*, por exemplo, o corpo é utilizado como dispositivo que reinventa as situações de violência nos contextos urbanos que estão relacionadas aos grupos juvenis, pois ao invés de “pancadaria”, produz-se “performances”. Não seria isso um processo de criação operando no corpo das juventudes aderentes ao movimento Hip Hop? Um processo de criação que surge como alternativa à violência entre as juventudes? O *Break*, nessa perspectiva, não está ensinando os *b-boys* e as *b-girls* (dançarinos dessa categoria de dança) a desenvolver uma cultura de paz entre si mesmos e seus pares?

Em outra categoria do Hip Hop, o grafite, tem-se as artes plásticas levando cores, traços e expressividades para as cidades, “imagens usam e abusam do espaço urbano e o corpo se enlaça em uma coreografia diferente. [...] novos sujeitos são constituídos via atividade criadora que ao mesmo tempo em que transformam muros, paredes e ruas, transformam os próprios sujeitos da ação” (FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 4-5). Existe no grafite o despertar do corpo jovem para o campo das artistagens, da expressão e comunicação com o mundo, produzindo subjetividades em processo de multiplicidades e fusão (ADAD, 2004).

Por fim, no *Rap* tem-se a originalidade e o improviso de um estilo musical único, irreverente e rítmico de um **corpo – território – jovem** que canta, interpreta, dança e comunica o que pensa e sente. Vejo, deste modo, que as categorias do movimento Hip Hop permitem que os jovens afrontem as regras estabelecidas pela sociedade e construam processos de criação que operam com e no corpo, rompendo com as normas convencionais advindas da família e da sociedade do que é ser um jovem devidamente “normal” e/ou “adestrado”. Sales (2013) corrobora essa discussão:

Nos grupos artísticos e culturais, nos grupos de amigos, nos grupos esportivos emergem singularidades que podem ser orientadas para a construção de novos processos, maneiras de perceber o outro, o mundo, recusando o estilo de vida impostos a eles e elas. Interiorizam valores independentes dos registros ditados pelos meios de comunicação, pelo consumo. Recusam, e, ao mesmo tempo, estabelecem outra forma de apropriação da cultura, do lazer, da arte (SALES, 2013, p. 431- 432).

Assim, diante dessa prática sociocultural que me proponho a estudar, vejo a invenção de novas formas de apropriação e participação juvenil no meio social, pois os jovens passam a se expressar, agir, falar, interagir, enfim, viver a realidade em um contínuo processo de criação de si e do grupo que colabora para a construção de práticas que não o induzem apenas para seguir um único caminho na vida, voltado para a inserção no mercado de trabalho e para a percepção de adestramento ao modo capitalista de compreender a vida.

Relacionando às experiências com/entre os jovens praticante do Hip Hop, esta pesquisadora acredita que ao se movimentarem pelas ruas da cidades, essa juventude faz jorrar mais fortemente o sangue em suas veias, ativando sentidos outros, aprendizagens que se realizam nos encontros nas ruas, esquinas, praças, e que mobilizam trocas de energias, fincando marcos de experiências, esculpindo espaços e intensificando a percepção do território-corpo (DIÓGENES, 2003). O corpo que é, segundo Le Breton, “o lugar do contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes” (2006, p. 11), junto ao Hip Hop permite aos jovens não apenas expressar suas ideias sobre o mundo a sua volta, mas senti-lo, tocá-lo, a até mesmo, desafiá-lo.

Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros [...] O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhado pelos atores inseridos, com ele, no mesmo sistema de referências culturais (2006, p.7-8).

É, portanto, o corpo que possibilita toda a experiência juvenil com o mundo, que faz da pele uma superfície de trocas, com múltiplas ramificações e saídas e que precisa necessariamente de vários outros corpos para acontecer. Acredito, desse modo, que o Hip Hop amplia os processos de criação juvenil como experiência viva e consciente do corpo, e portanto, é uma prática educativa que aproxima os sujeitos e os fazem produzir novos modos de existir, cada vez mais complexos e em processo de transformação. Em diálogo com Bomfim (2006), pode-se dizer que isso acontece porque “provavelmente, elas (moças) e eles (rapazes), estão buscando expressar suas subjetividades com suas formas de agir, buscando também serem percebidos e terem visibilidade naquilo que fazem e vivem nas sociedades contemporâneas” (BOMFIM, 2006, p. 67).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, reforço aqui a ideia de que os jovens desse coletivo se mostram partícipes de práticas sociais e educativas voltadas para o uso e desenvolvimento da arte, do corpo em movimento e do dinamismo de forma politizada e de maneira abundante nos contextos urbanos. Tais elementos devem ser percebidos e valorizados principalmente pela escola, para que se passe a pensar em metodologias que permitam que o corpo cheio de energia dessa juventude possa também ser estimulado dentro do seu espaço institucional.

Com base nas reflexões desenvolvidas é possível perceber que o Hip Hop enquanto prática sócio-cultural possibilita aos jovens desenvolverem processos de criação que operam em seus corpos mobilizando outros modos de educar, existir e compartilhar, que afirmam a vida desses sujeitos em meio aos problemas em sociedade nos quais vivem, ou sejam possibilitando (re)existências dos jovens nos mais variados contextos em que se inserem e ainda transformando seus modos de existir na contemporaneidade.

Importante destacar que este estudo ainda precisa ser aprofundado com base nas narrativas dos sujeitos investigados, entretanto, como objetivo desse trabalho era a reflexão inicial dos processos de corpografias juvenis por meio do Hip Hop, acredito ter favorecido conforme estabelecido anteriormente, a percepção de que esta prática nos possibilita compreender que a educação está muito além da escola e que o corpo é uma morada em potencial para mobilização dos processos de aprendizagem e criação jovem, basta que ampliemos o olhar para os espaços em que convivem e para as práticas culturais, artísticas e performáticas que desenvolvem.

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane H. C. **Jovens e Educadores de Rua: Itinerários Poiéticos que se cruzam pelas ruas de Teresina.** 243f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira). Programa de Pós-Graduação em educação. Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, 2004.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2010.

BATISTA, Janice Débora de Alencar; CARVALHO, Suzana Silva. As múltiplas formas de expressão e sociabilidade juvenil. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (org.). **Trajetórias da juventude.** Fortaleza: LCR, 2001.

BOMFIM, Maria Do Carmo Alves do. Agregação de juventudes: múltiplos olhares. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). **Juventudes, Cultura de paz e Violências na Escola**. Fortaleza: UFC, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas de Experiência e o saber de experiência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 08.10.2014

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil, 2007. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>>. Acesso em 25 fev. 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Guattari. **Conversações**. Rio de Janeiro: Edições 43, 1992.

DIAS, Giuslaine de Oliveira. **Skateboarding para além do esporte: manifestação social e movimentação social**. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2680/1/2011_GiuslainedeOliveiraDias.pdf>. Acesso em 25 Jul. 2014.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis: o baile, o jogo e o tatame**. São Paulo: Annablume, 2003.

FILIPOUSKI, Ana Mariza; NUNES, Maria Denise. **Juventudes: diálogos e práticas**. Erechim: Edelbra, 2012.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. **Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos**. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400010>. Acesso em 20 ago 2018.

LA MENDOLA, Salvatore. **O sentido do risco**. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a04v17n2>>. Acesso em 18 de ago 2018.
LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann –
Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MACHADO, Maria do Livramento da Silva. **Jovens bailarinas de Vazantinha**: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na Educação. 2015. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) /Programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Piauí, 2015.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da Dança**: arte e ensino. 1.ed. São Paulo: Digitexto, 2010.
MOSÉ, Viviane. **Café Filosófico CPFL**. TV CULTURA: São Paulo, 2013. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=EigUj_d5n80. Acesso em 20 ago 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O nascimento da tragédia no espírito da música. In:
LEBRUN, Gérard (org). **Obras incompletas**. 3ed. São Paulo: Abril cultura, 1983. (coleção os pensadores).

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DOMICILIAR (PNAD) 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

RODRIGUES, Samantha Rio. **Métodos de pesquisa**. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 19 jan 2019.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SALES, Celecina de Maria Veras. Juventudes e lazer: interações e movimentos. In:
Linguagens, educação e sociedade: Revista do programa de pós-graduação em Educação da UFPI/Universidade Federal do Piauí/Centro de Ciências da Educação, ano 18, Edição Especial EDUFPI, 2013.

SANTOS, Maria Dilma Andrade Viera dos. **Jovens circenses na corda bamba**: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento. 2014. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2014.

SILVA, Leandro Souza da. **Traficando informações: do Bronx ao Piauí – itinerários do Movimento Hip Hop**. Monografia. (Graduação em História) – UFPI. Teresina, 2002.

RUCHE, Maria Costa. Educação estética: múltiplas dimensões e linguagens do desenvolvimento humano. In: CARDOSO, Delgado Lindabel [et al.]. **Artes e linguagens na escola pública: uma possibilidade em movimento**. Campinas – SP: editora Alínea, 2008.

SOUSA, Vicelma Maria de Paula Barbosa. **Rap de “Quebrada” [manuscrito] : construção de sentidos e saberes pelos grupos de rap – “A Irmandade” e “Reação do Gueto” de Teresina-PI**. 186f. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) /Programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal do Piauí, 2012.

SPOSITO, Marília P. Juventude: crise e identidade na escola. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares**. Belo horizonte: UFMG, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estudos sobre juventude em educação**. Revista Brasileira de Educação. Campinas, Anped, n. 5/6, p. 37-51, 1997.

_____. **O estado da arte sobre juventude na pós graduação brasileira, educação, ciências sociais e serviço social (1999 -2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

TRAINA, Agma Juci Machado. JUNIOR, Caetano. **Como fazer pesquisa bibliográfica**.

Disponível em:

<<http://univasf.edu.br/~ricardo.aramos/comoFazerPesquisasBibliograficas.pdf>>. Acesso em 15 Fev 2019.

VOLPI, Mário; SIVA, Maria de Salete; RIBEIRO, Júlia. **10 desafios do ensino médio no Brasil: para garantir o direito de aprender de adolescentes de 15 a 17 anos**. 1 ed. Brasília: UNICEF, 2014.